

150  
488  
SA  
25943<sup>3</sup><sub>1</sub>  
FRANCISCO TENREIRO

# O ESTUDO DO NEGRO

Nota breve a propósito da morte do  
PROF. ARTHUR RAMOS



L I S B O A

Separata da «SEARA NOVA» \* N.ºs 1164-65

1950

Shi

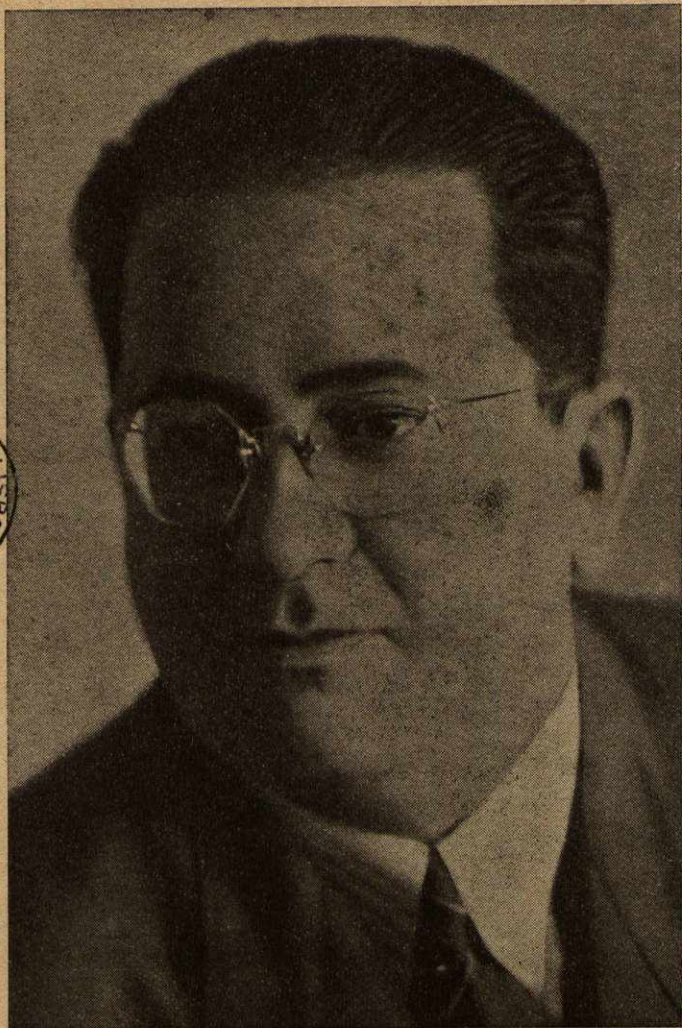


SA  
25943<sup>3</sup>

O ESTUDO DO NEGRO

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY





*PROF. ARTHUR RAMOS*

D.P. LEG.

FRANCISCO TENREIRO

S.A.  
25943<sup>31</sup>

# O ESTUDO DO NEGRO

Nota breve a propósito da morte do  
PROF. ARTHUR RAMOS



R. 186139

L I S B O A

Separata da «SEARA NOVA» \* N.ºs 1164-65

1950

Shi

Composto e impresso na  
IMPRESA LIBÂNIO DA SILVA  
Trav. do Fala-Só, 24—LISBOA



COM 46 anos faleceu, em Paris, o prof. Arthur Ramos. Era conhecido por todo o mundo culto e pouco divulgado em Portugal. A obra que o mestre brasileiro deixa é, a-pesar-de interrompida bruscamente, vasta e de grande projecção. Cerca de 5 centenas de títulos sobre problemas de Sociologia, Antropologia, Psicologia-social, Psicanálise e larga participação em Seminários, Mesas Redondas e Cursos, são prova de vida de trabalho intenso e apaixonado.

Em Seminários e Mesas Redondas ombreou com especialistas da envergadura de Herskovits, Kroeber, Lowie, Wagley, L. Smith — todos americanos. As universidades dos EEUU. de Yale, Califórnia, Berkeley, Howard, Colúmbia — de brancos ou só de negros — inseriram nos programas os seus Cursos de Antropologia brasileira. Homens de ciência, na Europa, renderam em devido tempo homenagem à sua obra. Freud soube ler com carinho os primeiros trabalhos do mestre brasileiro; Lévy-Bruhl viu neles sempre motivos de grande curiosidade científica; Roger Bastide considerava *obrigatórios*, em qualquer biblioteca culta, alguns dos títulos da sua obra. No Brasil, cientistas, artistas, poetas e romancistas, tinham pelo mestre a maior das considerações. Da lista quase interminável de admiradores destacamos apenas alguns nomes: João Ribeiro, Afrânio Peixoto, Edison Carneiro, Roquette Pinto, Augusto Frederico Schmidt, Lúcia Miguel Pereira, Jorge Amado, Mário de Andrade, Josué de Cas-

tro, Delgado de Carvalho, Ribeiro Couto, Graciliano Ramos, Plínio Barreto, Jorge de Lima, Christovam Leite de Castro, Caio Prado Júnior, José Lins do Rego e Gilberto Freyre. Em Portugal, à parte uma ou outra citação em obra de ciência, só J. Alves Correia, Castro Soromenho e José Osório de Oliveira escreveram umas quantas linhas de compreensão sincera pelos trabalhos de Arthur Ramos.

Na obra do cientista brasileiro há um só tema mas vários andamentos. É o mestre que a sintetiza ao dizer que «todas as tendências» — livres nos trabalhos — «se polarizam de preferência pelo estudo do comportamento humano, especialmente em certas condições deficitárias de actuação: a criança, o primitivo, as minorias étnicas, o alienado, o neurótico...» «Daí» — diz ainda — «a síntese final dos estudos da minha preferência: a Antropologia, considerada como a ciência total do homem, nos seus círculos vários de Sociedade e de Cultura». Mais que síntese, esta citação tem o valor de profissão de fé. Demonstra bem a paixão por assuntos que o leigo ou o céptico denominariam as «causas perdidas da Sociologia».

Também na citação se contém os dois pontos cardiais que o orientaram: Freud e Boas. A Psicanálise deu a Arthur Ramos, médico de profissão, o gosto pelos estudos da criança, do alienado e do neurótico e ainda do *primitivismo* como sobrevivência no homem dos nossos dias. Os métodos da Antropologia cultural permitiram-lhe o tratamento científico do Negro e do Índio que, no mundo americano, constituem minorias étnicas. Parece, à primeira vista, haver uma contradição entre as duas orientações. Claro que Arthur Ramos não pretendeu comparar o *caso* da criança com o do primitivo. Num caso e noutro, em círculos sociológicos diferentes, a criança é na sociedade de hoje um inadaptado em relação ao mundo do adulto, como o primitivo o é em função do mundo dito civilizado. É certo que Arthur Ramos foi discípulo do médico bahiano Nina Rodrigues, o primeiro brasileiro

que com método tratou do problema do Negro, não sendo contudo capaz de se subtrair às ideias preconcebidas da época que consideravam o afro-americano ser de inferior qualidade. A contradição em Nina Rodrigues era evidente: ideias estereotipadas opondo-se a um material rico, criteriosamente seleccionado e que as desmentiam. Os discípulos herdaram esta contradição. A pouco e pouco, pelo desenvolvimento da Antropologia cultural na América do Norte, os trabalhos de Arthur Ramos ganham em clareza e penetração. O discípulo aparece-nos, assim, senhor de um método de análise, liberto de preconceitos, que a Nina Rodrigues faltara por completo.

Quando em 1926 publica o primeiro trabalho de envergadura, *Primitivo e Loucura*—tese de doutoramento—, já havia mostrado a curiosidade pelos temas do Negro. Duas pequenas contribuições de 1922 para o jornal de Alagoas, *O culto da Lua e Tradições Africo-brasileiras*, marcam o início de uma especialização. Não obstante, até 1934, a sua obra, salpicada aqui e ali por pequenas notícias sobre o caso do Negro, é, na sua estrutura, a do médico dedicado à Sociologia e sob as directrizes de Freud. São os casos vivos, do dia a dia, os grandes crimes, os suicídios de crianças, as várias anomalias psíquicas que seduzem o mestre. Com a publicação de *O Negro brasileiro* parece enveredar decididamente nos estudos que o tornariam célebre. Ultimamente, numa terceira fase, dedicar-se-ia ao problema geral da Antropologia brasileira. Desta nos fica talvez o trabalho capital de Arthur Ramos: *Introdução à Antropologia brasileira*.

Em Janeiro de 1949 escrevia: «O Negro é hoje um dos assuntos permanentes da Antropologia e da Sociologia das Américas». Facto que se compreende se nos lembrarmos da contribuição dada pelo Negro para a formação de diferentes nacionalidades americanas. O método da Escola brasileira de Antropologia baseava-se, em princípio, no estudo comparativo das culturas africanas e suas sobrevivências no Brasil; mais tarde foi alargado por Ar-

thur Ramos ao estudo dos contactos culturais e às influências recíprocas entre negros e brancos, desde o tempo da escravatura.

Na ausência de documentos que fizessem história sobre este aspecto do problema, só um método novo que deitasse mão do pouco que conseguiu escapar à trituração do regime escravocrata se mostraria eficaz. A escravatura, como o afirmou, alterou por completo o *behavior* social do Negro. Apenas através dos aspectos religiosos e do folk-lore (língua, música, dança, etc.) foi possível destrinçar, no complexo cultural brasileiro, o que pertencia à cultura negra. Este método permitiu-lhe por fim elaborar o quadro das sobrevivências do Negro no Brasil: sobrevivência de culturas guineenses (Yorubas, Ewês, Ashantis), sudanesas (Haussás, Mandingas e Fulas) bantu (Angolas, Congos e Moçambiques). Tendo presente o princípio de que os contactos culturais conduzem a mecanismos de *dar e receber*, estabeleceu para o Brasil todas as graduações deste *processus*. A síntese dos trabalhos, neste campo, encontram-se em *O Negro brasileiro*, *Folk-lore Negro no Brasil* e *As Culturas negras no Novo Mundo*, livros que levaram Gilberto Freyre a considerá-lo «o maior especialista brasileiro em assuntos africanos». O problema do Negro estava porém longe de se esgotar.

«Certamente que hoje o estudo antropológico do Negro não se confinará na comparação cultural dos seus traços, na pesquisa de africanismos sobreviventes nas suas formas de cultura. Vai mais além: procurará as raízes históricas do comportamento do Negro no Novo-Mundo; examinará o impacto da escravidão, modelando tipos de carácter e de conduta nos quadros nacionais; registará a incidência de múltiplos factores de ordem social e cultural que condicionam a mudança de cultura; tomará nota dos contactos recíprocos dos grupos e indivíduos, para a análise do mecanismo fundamental da aculturação; estudar a influência psico-sociológica dos grupos dominan-

tes, não negros, as relações de *raça*, os estereótipos de opiniões e atitudes, os factores sociológicos da casta e da classe, os mecanismos psicológicos da frustração e da agressão; recolherá o estudo da personalidade emergente do Negro, como indivíduo e como cultura, nos seus grupos de vida local, regional ou normal». Vasto programa de estudos a ser completado, no seu entender, por determinações antropométricas e pesquisas genéticas a fim de se poder estabelecer, ou não, a existência de tipos homogêneos. Plano de trabalhos a ser seguido pelos diferentes especialistas americanos, carecendo contudo de ser completado, do outro lado do Atlântico, pelo estudo das culturas africanas. Dentro desta ordem de ideias Herskovits dividira já a África em áreas culturais.

«Num ponto comum, o moderno antropólogo há-de se deter, é na verificação de que é impossível estudar o Negro no Mundo, sem sua filiação às raízes africanas, sem procurar destruir o *complexo de inferioridade do passado africano*, que em muitos pontos da América tem dificultado a correta apresentação do problema». Arthur Ramos tencionava estudar os povos de Angola — sonho de todos nós, que desaparece com o mestre!...

A aplicação ao estudo do Negro brasileiro e ampla visão no assunto colocaram-no ao lado dos outros especialistas americanos: Herskovits (E.E.U.U.) e Ortiz (Cuba).

Não foi só o investigador cultural; foi também um doutrinador da Antropologia. As suas hipóteses tiveram por fulcro a Escola de Boas. A teoria cultural repudia o conceito de *raça*, considera Gobineau um impostor ardiloso, refreia o evolucionismo simplista e cego, é essencialmente funcionalista e procura um justo equilíbrio entre a difusão e o paralelismo de culturas. Em vez de tomar a evolução linear das culturas, define-as no conjunto dos *traços* e por estruturas. Repudiando o conceito de *raça* põe em xeque a questão da superioridade e inferioridade culturais; conforme não distingue entre tipos puros e não puros, põe de lado a divisão em povos prê-

lógicos e lógicos. Entende, em última análise, que, a um tratamento pelo método cultural, poderão ser submetidos os grupos rurais europeus ou americanos. Esta posição meta-etnográfica foi defendida também por Ruth Benedict; Robert S. Lynd, por seu lado, em trabalho de 1929, *Middletown*, demonstrou que tal tratamento era possível.

Reflectem-se na obra de Arthur Ramos diferentes aspectos do problema da *raça* e da *cultura*: alguns títulos são elucidativos: *Manifesto contra o racismo*, *O nazismo contra a psicanálise*, *Guerra e cultura*, *Raça e Kultur*, *O Negro norte-americano e a guerra*, *Linha de cor*, *Racismo e europeização do mundo*, *Pré-história do racismo*, *Gobineau*, *O círculo wagneriano*, *Finis Anthropologia!* — títulos de 1942 a 1944.

Num gesto simpático, reivindica para a Escola de Nina Rodrigues os trabalhos que puseram em destaque os factores sociais na génese de fenómenos que até então eram explicados só pela Antropologia criminal e física. Por fim defendia também a extensão dos métodos culturais ao estudo das comunidades brancas rurais e quíça urbanas.

Mestre de uma ciência que não permite a fossilização das ideias, a um tempo investigador e doutrinador, vivendo numa época conturbada por várias guerras, Arthur Ramos fora chamado à UNESCO a desempenhar importantes e honrosas funções. O mestre, assoberbado de trabalho, foi arrancado dos seus estudos para com a experiência e conhecimento do Homem dar uma contribuição ao acerto do Mundo.

Morre sem ver realizado o seu sonho africano. O Brasil perde um dos seus maiores, depois de Euclides da Cunha, Manuel Querino e Nina Rodrigues. Nós, portugueses, perdemos o mestre que mais tinha a ensinar e o sábio que, escrevendo na língua que falamos, nos prestigiava também. Pouco divulgado em Portugal era, contudo, um dos nossos.

Janeiro de 1950.

## TÁBUA BIBLIOGRÁFICA

# ARTHUR RAMOS

— 1903-1949 —

(PROF. DA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO)

### a) obras fundamentais

1. *Primitivo e Loucura* — S. Paulo, 1926.
2. *A Sordice nos Alienados* — Bahia, 1928.
3. *Freud, Adler, Jung...* Ensaio de Psicanálise Ortodoxa e Herética — Rio, 1933.
4. *Estudos de Psicanálise* — S. Paulo, 1934.
5. *Introdução à Psicologia Social* — Rio, 1936.
6. *Loucura e Crime* — Porto Alegre, 1937.
7. *O Problema do Negro no Brasil: I. O Negro Brasileiro; II. O folk-lore negro do Brasil; III. As culturas negras no Novo Mundo* — Rio, 1937.
8. *A Crença, Problema* — S. Paulo, 1939.
9. *A Aculturação Negra no Brasil* — S. Paulo, 1942.
10. *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio, 1943-47.

### b) selecção de trabalhos sobre o estudo do Negro

11. *O Culto da Lua* — Jornal de Alagôas, 1922.
12. *Tradições Africo-Brasileiras* — Jornal de Alagôas, 1922.
13. *A Decadência de Olorún* — Jornal de Alagôas, 1923.
14. *O Culto da Lua na História e no Folk-lore* — Diário da Bahia, 1924.
15. *O Problema do Curandeirismo* — Brasil-Médico, 1931.
16. *O Mito de Yemanjá e suas Raízes inconscientes* — Bahia-Médica, 1932.
17. *A Possessão Fetichista na Bahia* — Arquivos, Instituto Nina Rodrigues, 1932.
18. *Meu Irmão Negro* — Rio Magazine, 1933.
19. *O Negro na Evolução Social Brasileira* — Centro Oswaldo Spengler, 1933.
20. *O Culto dos Gêmeos* — Revista Médica da Bahia, 1934.
21. *A Influência Africana no Português do Brasil* — Boletim de Ariel, 1934.
22. *O Negro na América* — Boletim de Ariel, 1934.

23. *As Práticas de Feitiçaria entre os Negros e os mestiços Brasileiros* — Arquivos de Medicina Legal e Identificação, 1935.
24. *Prefácio e Notas ao Livro de Nina Rodrigues* — O Animismo fetichista dos negros bahianos. Rio, 1935.
25. *Religiões do Negro Norte-Americano* — O Espelho, 1935.
26. *Os Estudos sobre o Negro Brasileiro* — O Espelho, 1935.
27. *O Auto dos Quilombos* — Diário Carioca, 1935.
28. *Magia e Folk-lore* — Gazeta de Petrópolis, 1935.
29. *O Folk-lore Musical Afro-Brasileiro* — Diário Carioca, 1935.
30. *Folk-lore Negro do Brasil* — Jornal do Comércio, Rio, 1935.
31. *Os Mitos de Xangô e sua Degradação no Brasil* — Estudos Afro-brasileiros, Rio, 1935.
32. *Psicanálise dos Contos Populares Afro-Brasileiros* — Revista Contemporânea, 1936.
33. *Questões de Mítica Negra* — Boletim de Ariel, 1936.
34. *As Culturas Negras no Brasil* — Conferência, Revista do Arquivo Municipal, S. Paulo, 1936.
35. *Negros Bantus do Brasil* — Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, 1936.
36. *As Culturas Negras do Brasil* — Boletim de Ariel, 1936.
37. *Nina Rodrigues e os Estudos Negro Brasileiros* — Boletim de Ariel, 1937.
38. *Problemas de Aculturação Negra no Brasil* — Boletim de Ariel, 1937.
39. *Culturas Negras: Problemas de Aculturação* — Revista Acadêmica, Rio, 1937.
40. *O Sentido Social dos Spirituals* — Boletim de Ariel, 1937.
41. *Os Estudos Negro-Brasileiros* — Flama, 1937.
42. *Manoel Querino* — Boletim de Ariel, 1938.
43. *Mitos Africanos* — Boletim de Ariel, 1937.
44. *Juntas de Alforria* — Revista Acadêmica, Rio, 1938.
45. *O Negro e o Folk-lore Cristão do Brasil* — Revista do Arquivo Municipal, S. Paulo, 1938.
46. *Castigos de Escravos* — Revista do Arquivo Municipal, S. Paulo, 1938.
47. *O Espírito Associativo do Negro* — Revista do Arquivo Municipal, S. Paulo, 1938.
48. *Macumba* — La Prensa, Buenos Aires, 1938.



49. *Prefácio e Notas ao Livro de Manoel Querino — Costumes Africanos no Brasil*, 1938.
50. *O Negro nos Estados Unidos* — Diário de Notícias, Rio, 1938.
51. *Dahomey* — Boletim de Ariel, 1938.
52. *Levante de Negros Escravos no Brasil* — Boletim da Sociedade Luso-africana do Rio de Janeiro, 1938.
53. *Feitiços* — Correio da Manhã, Rio, 1939.
54. *The Study of the Negro Race in Brazil* — Brazilian Medical Contributions, Rio, 1939.
55. *Questões de Mítica Negra* — Dom Casmurro, 1940.
56. *Macumba. Religião e Ritual dos Negros Brasileiros*. Dom Casmurro, 1940.
57. *Contactos de raças no Novo Mundo*. Directrizes, 1940.
58. *Negro Music, Morning Advocate*, Baton Rouge — Louisiana, 1940.
59. *Acculturation Among The Brazilian Negroes* — The journal of Negro History, Washington, 1941.
60. *Contact of Races in Brazil* — Social Forces, 1941.
61. *The Negro in Brazil* — The journal of Negro Education, Washington, 1941.
62. *Aculturação Negra no Brasil: Uma Escola Brasileira* — Revista do Arquivo Municipal. S. Paulo, 1942.
63. *O Negro sob o ponto de vista da raça e da saúde* — Imprensa Médica, Rio, 1942.
64. *O Negro Norte-Americano e a Guerra* — Directrizes, 1942.
65. *Linha de Cór* — Directrizes, 1942.
66. *A Nova Ordem para os Negros* — Directrizes, 1943.
67. *A Propósito de Spirituals* — Folha Carioca, 1944.
68. *Linha de Cór?* — Folha Carioca, 1944.
69. *Prefácio ao Opúsculo de Ruth Benedict e Gene Welsh* — As Raças da Humanidade. Rio, 1945.
70. *Prefácio ao Livro de Donald Pierson* — Brancos e Pretos na Bahia, 1945.
71. *Os Grandes Problemas da Antropologia Brasileira* — América Indígena, 1949.







